

Apolônio de Carvalho:
trajetória, memórias e
militância política na era do
antifascismo (1937-1947)

Apolônio de Carvalho:
his path, memories and
political militancy in the anti-
fascism age (1937-1947)

Marco Antônio Machado Lima Pereira¹



Resumo: O objetivo do artigo é analisar a trajetória de Apolônio de Carvalho entre os anos 1937 e 1947, bem como as memórias produzidas pelo personagem sobre este período de sua militância política. Tal contexto foi marcado pela sua adesão ao Partido Comunista do Brasil (PCB) e pela decisão de lutar ao lado dos republicanos no conflito civil espanhol (1936-1939) e, posteriormente, na Resistência francesa contra as potências nazifascistas durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Desse modo, o recorte temporal proposto contempla uma década de engajamento do personagem na luta antifascista na Espanha e na França.

Palavras-chave: Apolônio de Carvalho; Trajetória; Memórias; Militância política; Antifascismo.

Abstract: This paper aims to address Apolônio de Carvalho's path between the years 1937 and 1947, as well as memories from the character about this time of his political militancy. Such context was highlighted by his affiliation to the Brazilian Communist Party (PCB) and his decision to fight alongside the republicans in the Spanish civil conflict (1936-1939) and, afterwards in the French resistance against Nazi-fascists potencies during World War II (1939-1945). Therefore, the time frame in question contemplates a decade of the character's engagement in the anti-fascist fight in Spain and France.

Keywords: Apolônio de Carvalho; Path; Memories; Political militancy; Anti-fascism.



Introdução

Apolônio de Carvalho nasceu em Corumbá/MS, em 9 de fevereiro de 1912, e seguiu a profissão militar inspirado na trajetória de seu pai, Candido Pinto de Carvalho Júnior. Fundador de uma organização de frente popular, a Aliança Nacional Libertadora (ANL), em Bagé/RS, foi preso, em 1936, e expulso do exército em decorrência dos levantes militares de novembro de 1935. Foi posto em liberdade em julho de 1937, em menos de quinze dias se filiou ao PCB e decidiu ir lutar na Espanha². Viajou clandestino até a Bahia e lá obteve um passaporte brasileiro legal. Embarcou no navio Bagé, desceu no Havre, se apresentou em Paris, foi encaminhado para Perpignan, onde recebeu um passaporte espanhol.

Carvalho entrou na Espanha no início de setembro de 1937 e foi designado para servir no Exército Popular Republicano como tenente-auxiliar. Combateu em várias frentes e chegou a assumir funções de coronel. Saiu da Espanha em 9 de fevereiro de 1939, quase dois meses antes do término do conflito, período em que foi detido nos campos de concentração franceses em Argelès-Sur-Mer (Pirineus Orientais) e em Gurs (Baixos Pirineus); fugiu do último em dezembro de 1940. Participou da *Résistance Française* em 1940-1941, prestando auxílio aos detidos nas prisões de Les Milles e dos campos de concentração. Em 1942-44, atuou nas fileiras dos *Francs-tireurs et Partisans Français* (FTP-MOI), “em que havia uma parte de companheiros, filhos de imigrantes e, em funções de direção, antigos combatentes da Espanha” (VENCESLAU, 1989, p. 15). Ao término da Segunda Guerra recebeu a patente de coronel das *Force Françaises de l’Interieur* (FFI) e foi condecorado com as medalhas da Resistência, da Cruz de Guerra e a de Cavaleira de Honra.

De volta ao Brasil, em fins de 1946, reintegrou-se ao Partido Comunista do Brasil. Em 1967, rompeu com o partido e participou, um ano depois, junto com Mário Alves e Jacob Gorender, da criação do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). Se engajou na luta armada contra a ditadura militar, em janeiro de 1970, foi preso e, em junho do mesmo ano, banido do país (sendo enviado para Argélia) após o sequestro do embaixador alemão Von Hollenben. Voltou ao Brasil, com a anistia, em 1979, e foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT); afastou-se do partido, em 1987, por recomendação médica. Faleceu em 23 de setembro de 2005, aos 93 anos, no Rio de Janeiro.

Apolônio de Carvalho teve uma vida dedicada a militância política de esquerda. No entanto, manteve uma postura crítica em relação à cultura política



comunista³, aspecto que impactou nas estratégias que adotou para organização da luta política e em seus escritos. O artigo pretende, como já mencionado, analisar o engajamento de Carvalho na luta internacional antifascista e, principalmente, as suas memórias acerca desse fenômeno histórico.

Um dos desafios assumidos por esse trabalho consiste em dar continuidade aos estudos acerca da militância política dos comunistas brasileiros no contexto pós-guerra civil espanhola, notadamente na Resistência francesa⁴. O pesquisador Paulo Roberto de Almeida trabalhou de forma pioneira no final dos anos 1970 com a coleta de depoimentos orais e escritos junto aos ex-combatentes brasileiros e suas respectivas famílias, estabelecendo como recorte temporal os anos 1935-1946 (ALMEIDA, 1999). Em artigo publicado no final dos anos 1990, o autor traçou um breve panorama da trajetória do grupo depois da derrota no conflito civil espanhol e da evacuação dos brigadistas (ALMEIDA, 1999, p. 58-62).

Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), ao lado dos aliados, os exilados em Buenos Aires Costa Leite, Joaquim Silveira, Nelson Alves e Roberto Morena tentaram retornar ao país com a intenção de se oferecer como voluntários para um eventual corpo expedicionário. O ex-combatente Nemo Canabarro Lucas, que se encontrava em território brasileiro desde abril de 1939, chegou a propor a criação de um “Exército de Voluntários Americanos” para combater as forças nazifascistas. Porém, nenhuma das propostas teve grande repercussão, pois foram quase todos presos e enviados para a ilha-prisão de Ilha Grande no Rio de Janeiro (ALMEIDA, 1999, p. 62).

Outro autor que se empenhou no estudo da esquerda militar brasileira, sobretudo no contexto da guerra civil espanhola, foi o historiador José Carlos Sebe Bom Meihy, que realizou uma série de entrevistas com os cinco militares brasileiros sobreviventes: José Homem Correia de Sá, Apolônio de Carvalho, Homero de Castro Jobim, Delcy Silveira e Nelson de Souza Alves (MEIHY, 2009). Em linhas gerais, a proposta de Meihy foi compreender/explicar o que sustentou a unidade do grupo, tomando como ponto de partida três níveis de abordagem: a) vida privada; b) carreira militar; c) interseção dessas duas dimensões. Sua pesquisa demonstra a relevância de se compreender as histórias de vida destes personagens de maneira conectada e continuada, pois nas entrevistas realizadas houve uma preocupação por parte do pesquisador em trazer à tona episódios da militância política dos ex-combatentes mesmo após o conflito, com ênfase na resistência francesa e na repressão que se seguiu ao golpe civil-militar de 1964.



Uma das contribuições do historiador Jorge Christian Fernandez foi ter dedicado no final de sua pesquisa algumas páginas para pensar o pós-guerra espanhol e o destino dos brigadistas internacionais (FERNANDEZ, 2003, p. 322-323). Depois da Segunda Guerra Mundial, diz o autor, nem todos os brasileiros que lutaram na Espanha continuaram a seguir a linha do partido, de modo que o PCB enfrentou fortes dissidências e fraturas durante e depois do conflito, estando inclusive a ponto de ser dissolvido. Em diferentes contextos, os ex-combatentes Costa Leite, Correia de Sá, Delcy Silveira e Apolônio de Carvalho abandonaram o partido. De acordo com o relato de Delcy Silveira, alguns o fizeram por motivos de caráter pessoal, mas a maioria o fez devido ao sectarismo dominante no partido, a intolerância de alguns dirigentes e, principalmente, pela falta de democracia interna (BATTIBUGLI, 2004, p. 209-212). No entanto, “não renunciaram a sua postura de esquerda, ao seu nacionalismo militante, aos seus anseios democráticos e de justiça social” (FERNANDEZ, 2003, p. 322).

Thaís Battibugli assinalou que o grupo de 14 militares que lutaram na Espanha sofreram alguma forma de repressão após as revoltas de novembro de 1935, isto é, foram expulsos do Exército e perderam suas respectivas patentes em julgamento no Superior Tribunal Militar. Com efeito, a participação de militantes do PCB no conflito foi a primeira e única ação militar do partido fora do território nacional. Além disso, “a meta inicial era enviar cerca de 100 pessoas, mas a repressão do governo Vargas acabou dificultando os planos. Esse foi o motivo pelo qual apenas 22 voluntários ligados ao partido embarcaram para a Espanha, mas, desses 22, apenas 16 combateram”⁵ (BATTIBUGLI, 2004, p. 87).

Se para analisar o comunismo no Brasil é indispensável considerar a influência das tradições locais, acreditamos que estudar a trajetória⁶ e as memórias de Carvalho permitirá perceber elementos comuns ao comunismo internacional e, ao mesmo tempo, traços peculiares da cultura política comunista no país. Ademais, pretende-se aqui analisar as ambiguidades e tensões que marcaram as relações entre o personagem e o PCB e como isso reverberou nas suas memórias acerca do período em que esteve envolvido na luta internacional antifascista, particularmente nos capítulos “¡No Pasarán!” e “Dans la nuit la liberte nous écoute” do livro autobiográfico *Vale a pena sonhar*, de 1997.

É preciso aprofundar a reflexão sobre alguns mecanismos que caracterizaram o mundo comunista, como a autocrítica, as confissões, as purgações, e mais em geral “a autoanálise” dos militantes comunistas (GROPPO, 2012, p. 228). No livro *Vale a pena sonhar* Apolônio de Carvalho revisitou a sua participação na



luta antifascista e sua própria militância dentro do PCB através de uma relação seletiva com o passado, algo que é recorrente na literatura de memórias⁷. Em diversas passagens de sua obra, demonstrou uma intencionalidade clara: distanciar-se das ideias/práticas que marcaram uma fase importante de sua trajetória política dedicada à militância comunista. Apolônio expressou uma visão crítica em relação às rígidas estruturas hierárquicas e burocráticas das organizações partidárias comunistas.

Como observou Bruno Groppo, os partidos comunistas aspiravam formar um tipo de quadro totalmente devotado à causa, disposto a sacrificar inteiramente sua vida privada. Dulce Pandolfi sublinhou que “a abnegação, o sacrifício pessoal, a renúncia ao comodismo, a devoção integral à causa são sentimentos que devem nortear a vida de um comunista”. Em síntese, “todos os sacrifícios pessoais são justificados. Os indivíduos só existem em função do coletivo; suas ações visam exclusivamente à realização de um projeto comum” (PANDOLFI, 1995, p. 36-37).

Os estudos sobre a trajetória de personagens como Apolônio de Carvalho, que no livro autobiográfico *Vale a pena sonhar* aborda sua experiência como militante transnacional antifascista durante as décadas de 1930-40, abrem uma via promissora no sentido de explorar os vínculos entre o antifascismo global e local, superando o tradicional enfoque eurocêntrico (GARCÍA FERNANDEZ, 2015, p. 244-245).

Início da militância política

Apolônio de Carvalho entrou para a Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, em março de 1930. Era o início do que o personagem chamou de “paixão pela literatura libertária” e do enfrentamento de dilemas agudos para aquela geração de jovens cadetes: paz ou guerra; democracia versus autoritarismo; ascensão dos movimentos sociais. Dentro do seu círculo de amigos se destacaram as figuras de Alberto Bomilcar Besouchet⁸ e Nelson Werneck Sodré. Carvalho chama atenção para o fato de que boa parte dos cadetes com quem mais convivia “ou já eram comunistas ou tinham largo cabedal de leitura marxista”, bem diferente dele, cuja consciência caminhava em direção ao ideário anticapitalista. A inspiração veio a partir dos professores “que, além de comunistas, pregavam abertamente nas aulas a revolução” (CARVALHO, 1997, p. 41).

Aspirante a oficial, o jovem tenente Apolônio é designado a um regimento



de artilharia em Bagé/RS em 1934. O ano seguinte é visto como aquele em que vai “mudar-me a postura de mero espectador da cena política nacional” (CARVALHO, 1997, p. 53) e que marcará a divisão do tenentismo em campos antagônicos: um amplamente majoritário, que acaba se integrando ao governo Vargas; o outro, com Prestes à frente, segue à esquerda do espectro político e tem forte presença na Aliança Nacional Libertadora (ANL).

Embora tecesse críticas ao programa da ANL por não propor o fim do capitalismo em seu horizonte, Carvalho se convence de que “para atingir a sociedade de meus sonhos primeiros, a Aliança já é um começo promissor” (CARVALHO, 1997, p. 56). Entre os principais pontos do programa, o personagem destacaria: a defesa da democracia; a recusa aos regimes autoritários (seja o fascismo de feição integralista, seja o tipo de ditadura que vai se gestando com a repressão aos movimentos populares); a salvaguarda dos interesses nacionais, mediante a nacionalização das empresas estrangeiras; a reforma agrária, com o desmembramento dos latifúndios improdutivos; ampliação das liberdades democráticas; solidariedade entre os povos e defesa da paz.

No entanto, com apenas cem dias de existência (de 30 de março a 11 de julho de 1935), a ANL, por um decreto do governo, foi posta na ilegalidade. O pretexto-chave utilizado por Vargas teria sido o manifesto de 5 de julho, de Luiz Carlos Prestes, em que o presidente de honra da ANL atacou duramente o governo e conclamava a população a insurgir-se, formando um governo popular-nacional-revolucionário chefiado por Prestes. Após o episódio, Apolônio de Carvalho (1997, p. 62) foi expulso do Exército e questionou: “como uma entidade tão promissora, de tão ampla e crescente audiência popular, pôde ruir com tanta rapidez?”

Somente com o passar do tempo Apolônio pôde compreender que na origem da derrota estavam o abandono da participação popular direta e o consequente estímulo a ações insurrecionais, o que representava a diluição da proposta original da ANL – que chegou a contar, em três meses de existência legal, com cem mil filiados e meio milhão de simpatizantes – ou seja, a política de frente popular⁹ (CARVALHO, 1997, p. 62-63).

As frentes populares serviram para articular pactos entre organizações de distintas tendências, ainda que sempre sob a bandeira da “democracia”, variando em suas metas e interesses políticos. A ideia de frente popular na década de 1930, diz Andrés Bisso, articulada sob o apelo antifascista, operava na América Latina para determinar um campo “progressista” que buscara incluir todos os setores de oposição como alternativa a governos militares ou de força (BISSO,



2000, p. 6). Não podemos esquecer que nos anos 1930 se produz um agravamento da situação internacional e em muitos países se assiste a uma brutalização da ação política e a instauração de ditaduras fascistas ou conservadoras (CIERI, 2006, p. 248).

O encontro com o marxismo e a adesão à militância comunista começaram a ganhar contornos mais definidos a partir de sua primeira passagem pela Casa de Detenção em maio de 1936, e depois de sua segunda passagem por outro cárcere no Rio, a Casa de Correção, em junho de 1937. É a partir desse período que os militantes de esquerda abandonam a perspectiva de ações insurrecionais iminentes para afirmar-se a tática de conter os avanços ditatoriais do governo Vargas¹⁰.

Além do contato com a obra do filósofo ítalo-argentino José Ingenieros, intitulada *El hombre medíocre* (1913), Apolônio ressalta que foi pelos escritos de Marx e Engels que passou a compreender o papel do Estado e da exploração capitalista, o socialismo como forma de superar de maneira dialética a sociedade de classes e o “pendor revolucionário dos trabalhadores” (CARVALHO, 1997, p. 72). Foi também graças aos cursos realizados por militantes do PCB que Carvalho se convenceu da importância dos partidos comunistas e de seu papel na luta de classes e nas distintas frentes de que participavam.

Durante o período em que esteve no cárcere o personagem acompanhou a conjuntura mundial, marcada pela vitória do socialista Leon Blum na França, o acirramento da guerra civil espanhola, a nova invasão da Manchúria por parte dos japoneses, os avanços nazifascistas e a possibilidade de um novo conflito mundial. Tais eventos fizeram com que ele revisitasse “com olhos críticos o passado recente do Brasil”, bem como seus problemas e perspectivas do momento (CARVALHO, 1997, p. 72).

Na avaliação de Apolônio, a Espanha republicana possuía bandeiras semelhantes, se não idênticas, às da ANL. Nessa leitura, o combate era o mesmo, só que em terras distantes (CARVALHO, 1997, p. 75-76). Carvalho aceitou o convite do PCB – que se estendeu aos oficiais e praças expulsos após os levantes de novembro de 1935 – para lutar ao lado dos republicanos espanhóis: “A luta heroica do povo espanhol canaliza-me todo o entusiasmo acumulado no período de prisão. Logo estarei a serviço de uma causa revolucionária, que agora está vivendo momentos difíceis. Oficial de artilharia e comunista, sou indispensável – não lhe posso faltar” (CARVALHO, 1997, p. 76). Iria cruzar o Atlântico, em agosto de 1937, pela primeira vez. Era o início da vida clandestina, “rumo a uma guerra longe, mas que também é minha” (CARVALHO, 1997, p. 77).



Em 18 de julho de 1936, momento em que Franco se sublevou contra as autoridades da República espanhola, a explosão do conflito irá conferir ao apelo antifascista uma capacidade de mobilização inigualável até aquele momento. Com o início da guerra não apenas a possibilidade de explosão do fascismo em qualquer lugar do mundo parecia cada vez mais crível como também forneceu ao antifascismo um verniz “épico” e “romântico” que serviu para desmentir qualquer intenção partidária nessa causa (BISSO, 2000, p. 7). A luta pela liberdade na Espanha parecia ser também a luta pela liberdade latino-americana. Portanto, a guerra civil espanhola foi fundamental para transmitir os ecos da disputa fascismo-antifascismo na América Latina.

¡No pasarán!

A saída de Apolônio do Brasil com destino a Espanha ocorreu através de um passaporte legal subsidiado pelo governo do estado da Bahia. Ao embarcar em Salvador, o barco brasileiro Bagé seguiu viagem até El Havre. Para burlar o controle das fronteiras francesas, Apolônio ingressou na Espanha por meio da fronteira catalã com identidade falsa (como cidadão espanhol natural de Almería) e com um passaporte legal concedido pelo consulado republicano espanhol em Paris.

Em agosto de 1937, Carvalho foi transferido a Almansa (Albacete) para receber instrução militar na base de treinamento das Brigadas Internacionais. Dada a sua formação e experiência como oficial de artilharia, foi encaminhado à Escuela de Artillería de Chinchilla de Montearagón e, posteriormente, atuou no Ejército del Centro, participando sucessivamente em combates nas frentes de Extremadura e Andalucía, com as funções de capitão, comandante, coronel.

Sessenta anos após sua participação na guerra, Apolônio assinalou que o bloco de forças populares formado por anarquistas, comunistas, socialistas, republicanos, nacionalistas bascos e catalães simbolizava o caminho para a construção de uma alternativa política revolucionária. Com efeito, a desagregação desse sistema de forças coincidiu com a derrota da República espanhola. E quais seriam suas razões explicativas determinantes? Para Carvalho, a chave-explicativa concentra-se numa combinação entre aspectos internos, como a tentativa do Partido Comunista Espanhol (PCE) em exercer sua hegemonia controlando as forças militares republicanas e o poder estatal (o que resultou na repressão aos militantes anarquistas e às organizações trotskistas), bem como a dependência à política externa da URSS aos ditames de



seus interesses de Estado. Sem falar, é claro, na posição dúbia das democracias ocidentais.

A obra autobiográfica de Apolônio é um bom exemplo de dois aspectos que gostaríamos de sublinhar: da necessidade de submeter à crítica os testemunhos memorialísticos de antigos militantes do partido comunista; que os atores sociais não se submetem ao projeto comunista sem resistências, contornos, reinterpretações (PENNETIER; PUDAL, 2004, p. 381). Apolônio defendeu a tese de que os embates envolvendo militantes do Partido Obrero de Unificación Marxista (POUM), de orientação antiestalinista, e anarquistas contra comunistas foi uma das causas principais da vitória do general Francisco Franco: “Houve muita intolerância e o que decidiu no final foi a prática autoritária do governo central. [...] Saímos de lá com a visão do que representava a unidade de ação e o que representava a quebra dessa unidade. [...] São lições que a gente bebeu ali” (BERABA, 1986, p. 18).

Em seguida, Apolônio de Carvalho advoga que percebia desde o início de sua militância no partido traços de insensibilidade e, por conseguinte, intolerância. No primeiro caso, o ex-combatente destaca a impossibilidade de despedir-se da própria família ao deixar o Brasil em meados de 1937¹¹. Já no plano político, “os primeiros estigmas de intolerância, como o inconcebível fratricídio comunista, em Barcelona, em maio de 1937. Julgara-os, porém, episódicos, conjunturais. Romântico, preferia cingir-me ao lado generoso do partido” (CARVALHO, 1997, p. 178). Essa exposição preliminar visa apenas situar a maneira como o ex-combatente reconstruiu, por um lado, sua própria experiência de guerra e, de outro, sua relação com a militância comunista. A meu ver, a obra em questão evidencia que tanto a memória como a identidade não são fenômenos estáticos¹².

Na chegada a Valência, nova capital da República, Apolônio traz em sua bagagem “uma explosiva carga de otimismo”, na medida em que as forças populares já haviam superado sua crise mais aguda, contrariando a premissa de que a cisão das esquerdas era algo irreversível: “[...] Em boa parte, contudo, o que a princípio vejo na Espanha confirma-me a expectativa. Já encontro um novo exército, aguerrido e nacionalmente estruturado; as diversas frentes de batalha estão guarnecidas” (CARVALHO, 1997, p. 96).

O que de fato o impressionou, num primeiro momento, fora a intensa participação civil, com especial destaque para as mulheres ocupando todos os postos da retaguarda. Não só: em várias regiões como Aragão, Catalunha, Valência e Málaga, as propriedades agrícolas foram coletivizadas, já nos centros urbanos boa parte dos setores vinculados à indústria e serviços eram dirigidos



pelos sindicatos anarquistas.

Mas Valência mostrou a Apolônio a outra face da guerra, como por exemplo, as debilidades da defesa antiaérea republicana. Já nas frentes de batalha o cenário era preocupante: fissuras na unidade da tropa; a difícil coordenação das diversas armas; a intolerância política em todos os grupos e organizações; as discriminações ideológicas (CARVALHO, 1997, p. 97). Em resumo, diz o ex-combatente, reproduziam-se nas frentes de batalha os agudos confrontos na retaguarda pela hegemonia nos setores-chave do aparato estatal republicano.

Apolônio comandou um agrupamento de artilharia e posteriormente participou da batalha de Teruel, entre dezembro de 1937 e fevereiro de 1938 e, finalmente, da última ofensiva republicana no Ebro. Como muitos outros voluntários estrangeiros, o ex-combatente foi levado a Barcelona nas vésperas do natal de 1938 para a retirada dos *internacionales* da guerra de Espanha devido às pressões do Comitê de Não-Intervenção – formado pela chancelaria dos países ocidentais. No dia 22 de setembro de 1938, o então Ministro das Relações Exteriores, Álvarez del Vayo, anunciou na Liga das Nações a retirada dos trinta e cinco mil brigadistas internacionais e dos milhares de estrangeiros integrados ao Exército Popular. Surpreso pela “quixotesca” decisão, como tantos outros voluntários, Apolônio de Carvalho pressentiu que “a derrota avultava no horizonte da República”.

Em meio a homenagens e a uma intensa atividade cultural, a primeira escala da retirada ocorreu nos arredores de Valência, onde os combatentes permaneceram até novembro. Depois da ordem de recuo e em plena ofensiva franquista, “[...] tomamos o caminho da França – não apenas os milhares de voluntários estrangeiros como duzentos e cinquenta mil homens do exército espanhol e trezentos mil catalães” (CARVALHO, 1997, p. 115). Ao cruzar os Pirineus, junto com seu compatriota Joaquim Silveira dos Santos, Apolônio ainda tinha esperanças quanto à capacidade de resistência das forças republicanas, mesmo percebendo que o conflito poderia se difundir pela Europa.

O autor viu impotente romperem-se as frentes republicanas. Experimentou a derrota, a rápida retirada em direção à fronteira francesa, a rendição humilhante, e o internamento num campo de concentração em fevereiro de 1939, primeiro em Argelès-Sur-Mer e depois em Gurs, nos Baixos Pirineus, ao sul da França, – e desde ali presenciou o início da Segunda Guerra, percebendo-a como um desdobramento lógico da batalha perdida na Espanha.

As reflexões sobre os problemas centrais da guerra civil surgiram apenas nos anos posteriores: “Aprenderia muito tempo depois que na origem da



derrota estavam, antes de tudo, a ruptura da unidade de ação das esquerdas e a dependência quase absoluta da frente popular espanhola à política externa do governo de Stalin” (CARVALHO, 1997, p. 117). Para agravar o quadro mais geral, o ex-combatente acrescenta “as vacilações da frente popular de Léon Blum”, a presença bélica das potências do Eixo e o veto à Espanha republicana por parte das potências ocidentais, encabeçado pela Grã-Bretanha. Concomitante às pressões dos governos europeus, a URSS interrompeu, em abril de 1938, o fornecimento de armas e especialistas, além de retirar seu apoio político e diplomático.

Numa avaliação das principais correntes políticas hispânicas de esquerda, Apolônio é taxativo ao dizer que sentia uma profunda admiração pelo POUM, especialmente “por sua equidistância da rigidez do PC e do romantismo sem peias dos anarquistas” (CARVALHO, 1997, p. 120). No entanto, diz o ex-combatente, ambos se demonstraram incapazes de elaborar uma alternativa à altura das incertezas e desafios da época. O que admirava nos seguidores de Bakunin era a trajetória original e criativa, responsável por criar um modelo espanhol de revolução social, que defendia a participação direta das camadas populares, muito próxima da experiência pioneira da Comuna de Paris de 1871.

Por fim, sobraram críticas duras e contundentes ao PCE, em virtude de três fatores centrais: a) o “autoritarismo elitista”, determinado pelo seu modelo de organização; b) a intolerância; c) e o “messianismo”, ao considerar-se dono absoluto da verdade e “condutor insubstituível das massas” (CARVALHO, 1997, p. 120-121). Outra tese defendida por Apolônio é a de que os dirigentes comunistas espanhóis foram diretamente responsáveis pelo rompimento da Frente Popular, valendo-se da violência policial para perseguir os poumistas e assassinar seu dirigente Andrés Nin.

Um dos episódios mais duros que Apolônio viveu foi o assassinato de seu contemporâneo na Escola Militar do Realengo Alberto Bomilcar Besouchet em fins de 1938: “[...] foi para a Espanha, apresentado a Andrés Nin pelo velho Mário Pedrosa, era oficial do Exército republicano, foi preso e acabou assassinado na prisão como figura ligada ao trotskismo, portanto, ao POUM”¹³ (VENCESLAU, 1989, p. 10). Entretanto, diz o ex-combatente, “nada poderá apagar a imagem desse comunista culto, modesto e bravo como poucos” (CARVALHO, 1997, p. 123).

Para determinar as causas das disputas entre as diferentes orientações que formavam a frente antifascista, o autor não titubeou e atribuiu total responsabilidade ao papel desempenhado pelo PCE durante a guerra, “[...]”



que por então apregoava, em letras de ódio e sangue, o combate sem quartel ao trotskismo” (CARVALHO, 1997, p. 121), trazendo à Espanha a lógica dos expurgos que assolavam a URSS naquele período. Chama atenção sua simpatia e afinidade explícitas em relação às demais forças de esquerda, sobretudo com o POUM. Como explicá-las? Apolônio de Carvalho recorda que nutria imensa simpatia pelo partido não só graças à figura de Andrés Nin, “teórico, elaborador, pesquisador”, “uma grande figura cheia de promessas, mas também porque a mais bela figura de jovem comunista que eu conheci chamava-se Alberto Bomilcar Besouchet, trotskista, militante do PC e combatente na Espanha” (VENCESLAU, 1989, p. 10).

O livro *Vale a pena sonhar* mostra os vários estágios de identidade do autor, permitindo ao ex-militante comunista reconquistar uma nova identidade política, próxima aos “trotskistas” do POUM. A esse respeito, torna-se relevante retomar um fragmento de seu relato autobiográfico: “Eu padecia de um otimismo quase obsessivo, e preservava, nas malhas quentes da primeira militância [...] boa parte de minhas ilusões e características: alta dose de boa-fé, tangente à ingenuidade; tendência a buscar elementos positivos em circunstâncias as mais difíceis” (CARVALHO, 1997, p. 116). O elemento central que confere significado à narrativa é o seguinte: explicar a forma como Apolônio passou do jovem militante ingênuo e romântico ao homem maduro e crítico que, muito tempo depois, observara “a fraqueza política dos militantes comunistas dos anos 1930” e, acima de tudo, o colapso dos “oniscientes guias soviéticos” (CARVALHO, 1997, p. 122).

As narrativas que compõem uma autobiografia podem ser questionadas e, com suficiente perspectiva temporal, mostram sua natureza convencional. Mesmo que muitas vezes sejam necessariamente contingentes, mudando de acordo com a época e o contexto de cada autor, o historiador não deve cair na armadilha de vê-las como ficções ou falsidades, mas sim realizar um esforço no sentido de perceber quais são os parâmetros fundamentais envolvidos nessa estratégia de redefinição e reivindicação identitárias. No limite, o olhar em direção ao passado se modifica continuamente em função das preocupações do presente¹⁴.

De uma frente a outra

Nesta seção pretendemos examinar a dimensão transnacional da luta antifascista durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Autores como



Figura 1 - Dinarco Reis e Apolônio de Carvalho, Marselha (1942)



Fonte: Dinarco Reis Filho (acervo pessoal).

Rémi Skoutelsky (2006), Hugo García Fernandez (2015) e Enrico Acciai (2019) têm demonstrado que os movimentos de resistência europeus entre os anos 1941-43 tiveram como origem o conflito civil espanhol. Ou seja, é preciso compreender a longa duração da luta antifascista entre 1936 até o final da Segunda Guerra Mundial. Os recentes debates a respeito do paradigma transnacional nos mostram como é preciso renovar nossos modelos de análise, concentrando nossa atenção nas práticas e na circulação de sujeitos para além do contexto nacional. A presença dos voluntários brasileiros – em que pese a distância geográfica considerável da Península Ibérica e o

número reduzido de voluntários – demonstra a extraordinária capacidade da guerra civil espanhola em mobilizar a militância antifascista.

Certamente as habilidades militares adquiridas na Espanha contribuíram de forma decisiva para que Apolônio participasse dos movimentos de resistência na Europa¹⁵. A experiência que os voluntários tiveram nos campos franceses é fundamental para compreender a transição da luta no território espanhol para a dos movimentos de resistência europeus. As condições de vida nos campos de Argelès-Sur-Mer e Gurs eram muito difíceis. Para muitos, chegar ao campo foi uma experiência angustiante, pois novos internos se encontravam em condições completamente improvisadas. Desgastados e abatidos, os veteranos da guerra civil espanhola foram jogados na areia sem nenhum abrigo (ACCIAI, 2019, p. 10). A este respeito, Apolônio relembra as dificuldades de enfrentar o frio, a fome e o isolamento em fevereiro de 1939 no campo de Argelès-Sur-Mer: “Para enfrentarmos a inclemência do inverno, as autoridades forneceram-nos cobertores e uma recomendação – cavar na areia buracos fundos, que nos servissem de proteção face à fria brisa marinha. Adquiri, então, minha bronquite e um princípio de tuberculose” (CARVALHO, 1997, p. 129).



No mês seguinte, Apolônio foi transferido para Gurs, outro campo de concentração, localizado nos Baixos Pirineus, também cercado por arame farpado. De acordo com Carvalho: “Sentiríamos na pele a hostilidade anglo-francesa à República espanhola. Éramos oito mil refugiados políticos impedidos de voltar aos países de origem. Desses, duas a três centenas de latino-americanos” (CARVALHO, 1997, p. 132-133). Após a transferência para Gurs, muitos veteranos da Espanha começaram a se dedicar a iniciativas culturais e políticas de maneira mais sistemática. Apolônio menciona a solidariedade aos internos dos campos: “Crio um núcleo de contato e ajuda aos refugiados da Espanha, mas me intuto maior é libertá-los e permitir-lhes a volta clandestina aos países de origem” (CARVALHO, 1997, p. 139). Tais iniciativas são essenciais para entender sua contribuição subsequente aos movimentos de resistência europeus e, em especial, as origens das redes de combatentes transnacionais. Desse modo, Gurs constituiu uma passagem fundamental nos complexos eventos do voluntariado antifascista na Espanha (ACCIAI, 2019, p. 11).

Outro aspecto que merece ser destacado diz respeito a maneira com que a notícia do pacto Molotov-Ribbentrop, em 23 de agosto de 1939, foi recebida pelos militantes de esquerda. Na leitura de Apolônio, ela “caiu como uma bomba entre nós” (CARVALHO, 1997, p. 134), levando à perplexidade o povo francês e dividindo as esquerdas, particularmente o Partido Comunista Francês (PCF). Andrés Bisso destacou que entre os setores democráticos da América Latina houve uma decepção generalizada com o pacto de não agressão nazi-soviético. Para os socialistas chilenos, por exemplo, esse pacto fortaleceu as pretensões internacionais dos fascismos e foi firmado para repartir a Polônia entre Hitler e Stalin (BISSO, 2000, p. 13).

É inegável que o pacto teve um efeito devastador, sobretudo ao provocar desânimo e confusão nos quadros e nos militantes dos partidos comunistas, bem como em todos aqueles antifascistas que tinham acreditado na solidez dos acordos que haviam permitido constituir as frentes populares. Nesse sentido, o pacto germano-soviético representou para muitos militantes de esquerda uma perda de sentido dos símbolos essenciais que estruturavam sua cultura política¹⁶, já que era impensável que a União Soviética se comportasse como um estado convencional (CIERI, 2006, p. 250).

Em maio de 1940, com a invasão nazista, e depois com dois terços do território francês sob ocupação alemã, Apolônio resolveu fugir do campo de Gurs. Um dos fatores que contribuiu com essa decisão foi a impossibilidade de retornar ao Brasil e a ausência de respostas da embaixada brasileira diante dos apelos do



ex-combatente. Diante desse cenário, a França tornou-se a única frente de luta contra o nazifascismo (CARVALHO, 1997, p. 137).

Em junho de 1941, o avanço fascista para o Leste, com a invasão alemã a União Soviética, “sopra sangue e fogo sobre o castelo de cartas do pacto germano-soviético”. A URSS retoma a antiga política de frente popular de ampla unidade antifascista. A partir disso, começam a ocorrer por toda a França sabotagens espontâneas, corte de cabos telefônicos e avaria de material bélico dos ocupantes. Tais ações, mesmo que pudessem acarretar em muitos anos de prisão ou fuzilamento sumário, facilitaram o surgimento de ações armadas contra os militares nazistas.

O grande problema é que a França era um país até então sem tradição de guerrilha. Não obstante, paulatinamente iam ocorrendo ações de grupos volantes, com distribuição de panfletos, colagem de cartazes contra o governo-títtere do marechal Pétain, inutilização de comunicados nazistas e pequenas sabotagens. A caminho de Marselha, Apolônio notou a falta de coordenação e bases permanentes, embora reconhecesse já em 1941 o primeiro esforço de suprir tais carências com as chamadas “Organizações Especiais” (OS), que inicialmente visavam à proteção de lideranças em perigo e à autodefesa de pequenas manifestações, bem como em alguns casos de “justiçamento de traidores da pátria” (CARVALHO, 1997, p. 140).

Carvalho se envolveu com as organizações de guerrilha urbana, cujo objetivo principal era a constituição de uma força militar capaz de fazer frente ao exército ocupante. Um dos grandes desafios era coordenar as forças guerrilheiras dispersas. Segundo Apolônio, a própria evolução da luta no interior da França se encarregou de apontar os caminhos. Com efeito, a guerrilha avançou no sentido organizativo do círculo limitado de grupos de combate e reduzidos destacamentos urbanos para o plano de destacamentos, companhias e mesmo batalhões. Para depois ceder lugar a novo exército, isto é, as Forças Francesas do Interior (CARVALHO, 1997, p. 141).

Os voluntários internacionais se tornaram agentes de um movimento antifascista armado que ressurgiu com força durante a Segunda Guerra Mundial. Assim, os veteranos da Espanha também se tornaram o vetor que ajudou a disseminar a resistência armada pelo continente europeu. Sem o precedente espanhol, diz Enrico Acciai, os movimentos de resistência europeus não teriam sido os mesmos (ACCIAI, 2019, p. 21). Frase que corrobora com o relato de Apolônio, ao enfatizar que a maioria de seus chefes na guerrilha, já em Marselha, terem sido ex-combatentes da República espanhola.



No que diz respeito aos métodos e ao êxito na luta contra a ocupação nazista, Apolônio sublinha que diferentemente da guerra civil espanhola, em que teve que assumir sucessivos postos de comando, no caso da guerrilha urbana “tudo se processa de baixo para cima”: “Não comando sequer um grupo de combate, célula mínima da estrutura militar padrão; apenas sua metade, uma esquadra de quatro homens”. Foi nesse período de “mergulho na resistência armada” que Carvalho conheceu Renée France¹⁷, que com 17 anos tornou-se ativa dirigente de uma organização de jovens comunistas.

Em seguida, Renée decidiu junto com Apolônio mudar sua faixa de ação política, da União da Juventude Comunista para a resistência armada, onde atuariam juntos (CARVALHO, 1997, p. 146-148). Na realidade, Renée já atuava na guerrilha urbana seguindo agentes da Gestapo ou da política francesa, para saber onde moravam, os caminhos que faziam para ir trabalhar e voltar para casa. Nesse conjunto de atividades, havia as de informação, levantamento de áreas, de ligação, de transmissão de material, de ordens e viajar muito (CARVALHO, 2012, p. 77).

No livro *Vale a pena sonhar* Apolônio se recorda do momento em que golpeou com um cassetete a cabeça de um soldado alemão em Marselha para tomar sua arma: “eu que nunca matara corpo a corpo um homem, estremeço diante do sangue a cobrir a têmpera do nazista”. A sensação foi de ter seu corpo percorrido por um frio agudo: “penso que posso ter matado um operário, um trabalhador comum”. Carvalho respirou fundo e se convenceu de que “o militar que acabo de abater traz o uniforme dos invasores, é, portanto, inimigo do povo francês, participante ou cúmplice da pilhagem do país e dos crimes nazistas” (CARVALHO, 1997, p. 151).

Em maio de 1943, Apolônio assumiu as funções de chefe geral dos franco-atiradores e guerrilheiros da Zona Sul: “É um período de deslocamentos sucessivos, em que tenho Renée – agora do serviço de ligações e transporte de armas, explosivos e munições – por companhia constante” (CARVALHO, 1997, p. 154). Em virtude das ações ofensivas crescentes e das perdas constantes, era necessário conquistar adeptos entre os cidadãos franceses para a perspectiva insurrecional, o que fez com que o Conselho Nacional da Resistência (CNR) unificasse as diferentes correntes de guerrilha, criando as Forças Francesas do Interior (FFI).

Em janeiro de 1944, Carvalho, já casado com Renée France, se instala em Nîmes como responsável militar da região sudeste do país e juntos reorganizam as forças da Resistência. No mês seguinte, junto com jovens guerrilheiros,



Apolônio assalta a prisão militar alemã de Nîmes e liberta 17 presos políticos que seriam fuzilados. No mês de junho daquele ano deu-se o desembarque das tropas aliadas na Normandia. Concomitantemente, teve início o ciclo de greves insurrecionais e das lutas de libertação. Segundo Apolônio, “a tática de guerrilha prescrevia um circuito flexível: concentração – ação rápida – dispersão em vários rumos”. Evitava-se o combate frontal, que só ocorria por pressão do inimigo, e o recuo sempre que possível. Graças a essas ações os *maquis* facilitaram o avanço das forças aliadas que acabavam de desembarcar: “inquietando o inimigo, cortando-lhe as linhas de comunicação, dificultando, retardando os deslocamentos de suas tropas” (CARVALHO, 1997, p. 163).

Em 19 de agosto foi a vez de Toulouse – cidade onde Apolônio e Renée foram morar – se libertar em meio a contagiante entusiasmo popular¹⁸. Posteriormente, toda a França estava em festa: “É hora do debate sobre os novos rumos do país, do retorno à luz do dia dos jornais e organizações democráticas e populares, do julgamento dos colaboradores de Vichy e do nazismo. É hora do ajuste de contas e dos planos para o futuro”. Para os combatentes estrangeiros também chegara o momento de avaliar perdas e ausências (CARVALHO, 1997, p. 166). Apolônio se recorda de quando saiu de Lille num vagão quase vazio, chorando, em silêncio, de dor e saudade do companheiro paraguaio Emiliano Paiva Palácios¹⁹ – que conheceu no campo de Gurs e com quem estabeleceu laços de amizade na Resistência em Marselha) – e dos demais guerrilheiros que não puderam acompanhar o desfecho da Segunda Guerra Mundial (CARVALHO, 1997, p. 167).

O primeiro momento da luta contra a ocupação nazi exigiu uma ampla aliança entre as forças políticas, processo que remetia à restauração do projeto das frentes populares. A experiência de muitos dos quadros da resistência na guerra civil espanhola reforçou esse enfoque, na medida em que essa havia sido sua primeira grande experiência de enfrentamento armado com o fascismo sob as condições de uma ampla frente política.

O Conselho Nacional da Resistência apresentou, em 1944, um programa na qual se enumeravam as reformas que deveriam ser feitas logo depois da libertação da França, entre as quais se destacavam: a nacionalização dos grandes meios de produção, tais como a produção de energia, as riquezas do subsolo e dos bancos; salário mínimo e plenos direitos sociais e sindicais; controle operário sobre a produção; aposentadoria universal; igualdade dos cidadãos perante a lei; independência da imprensa frente ao Estado e os poderes econômicos. Tais princípios foram incorporados posteriormente no preâmbulo da constituição



aprovada em 1946 (CIERI, 2006, p. 255-256).

No dia 1 de maio de 1945, ocorreu a primeira grande demonstração popular em Paris após a libertação²⁰. Apolônio retomou os contatos com o PCB que o convocou de volta ao Brasil por meio do pintor Cândido Portinari, que na ocasião expunha seus quadros na capital francesa. No final de 1946, encerrou-se uma passagem extremamente marcante de sua trajetória: “Desde que ingressara na Aliança Nacional Libertadora nos idos de 1935, pela primeira vez sinto o sabor de uma vitória do povo. Saio da França com Renée e com nosso primeiro filho, René-Louis. E com o segundo, Raul, a caminho. Para eles, vencida a mais terrível das guerras, trazíamos um novo mundo de esperanças” (CARVALHO, 1997, p. 170).

Embora seja inegável o avanço das conquistas sociais no contexto pós-guerra, a partir de 1947 teve início um processo de desmantelamento dos organismos de auto-organização popular e dos comitês antifascistas, criados no curso da luta, por iniciativa das elites e das instituições restauradas, com anuência da esquerda moderada (ou nos dizeres de Michel Seidman, do antifascismo contrarrevolucionário). O cenário seguinte que se abriu era já a Guerra Fria e um novo mergulho na clandestinidade para Apolônio de Carvalho, com a cassação do registro do PCB em maio de 1947.

Considerações Finais

Entre os anos 1930-1945 o cenário político internacional foi marcado por um confronto triangular entre democracia, comunismo e fascismo. Durante a década de 1930, o antifascismo – como um movimento histórico real, organizado ou espontâneo, de oposição e de resistência ao fascismo – adquiriu uma dimensão internacional pautado no esforço de barrar o caminho ao crescimento dos fascismos (GROPPO, 2004, p. 581). Segundo o historiador Enzo Traverso, o que explica a difusão do antifascismo no decorrer dos anos 1930 é “su capacidad para imponerse como un ethos colectivo para todos aquellos que quieren combatir las dictaduras de Mussolini, Hitler e Franco” (TRAVERSO, 2009, p. 250-251). Apolônio de Carvalho representa, portanto, aqueles setores da opinião pública internacional que tinham tomado consciência da necessidade de resistir a Hitler e do perigo que o fascismo representava à escala internacional.

Convém ressaltar que o antifascismo foi marcado por uma grande diversidade, uma vez que nunca representou em sua história a expressão de uma única corrente política ou de uma só classe social. Enquanto fenômeno identitário,



o antifascismo comunista foi um elemento fundamental na construção da identidade coletiva de algumas gerações de militantes (GROPPO, 2004, p. 586). Como experiência pessoal, marcou de maneira profunda e duradoura a forma de pensar e agir dos militantes comunistas que se formaram politicamente entre 1933 e 1939 (GROPPO, 2004, p. 590).

É impossível entender a onda internacional de apoio à República espanhola em 1936, afirma Eric Hobsbawm, sem essa noção de que as batalhas travadas nesse país mal conhecido e marginal da Europa eram, num sentido muito concreto, batalhas pelo futuro da França, da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos, da Itália etc (HOBSBAWM, 2011, p. 245). Nesse sentido, a resistência ao fascismo justificava pegar em armas e lutar. A maioria dos simpatizantes da República, assim como a maior parte dos que lutaram na resistência durante a Segunda Guerra, almejavam “sociedades mais livres e mais justas, ou pelo menos não simplesmente uma restauração do *status quo* anterior” (HOBSBAWM, 2011, p. 279).

Para Helen Graham, o sentido da luta dos voluntários na Espanha deve ser visto numa perspectiva mais ampla, na medida em que “tenían una clara conciencia de sí mismos como soldados políticos en la guerra civil europea en curso” (GRAHAM, 2013, p. 145). De modo que, no geral, eram soldados num sentido mais profundo, para além da esfera militar, pois estavam alinhados aos setores da sociedade espanhola que desafiavam uma ordem política pautada nas diferenças sociais. A defesa da República espanhola atraiu escritores e combatentes variados: pensadores, ativistas e revolucionários unidos pelo desejo comum de lutar para acabar com as categorias discriminatórias de raça e etnicidade vigentes na Europa e em outros contextos geográficos (GRAHAM, 2013, p. 154).

São pouquíssimos os casos de homens e mulheres que tenham se arrependido do apoio à República espanhola ou que lamentem sua participação, por menor que tenha sido, na guerra contra o fascismo, seja como civil, soldado ou resistente. Certamente Apolônio não se encontra entre eles: “Devo à militância comunista alguns dos mais belos momentos de minha experiência: a vivência da singular revolução social espanhola e a completa integração à luta francesa pela libertação nacional e a democracia” (CARVALHO, 1997, p. 178).

Conclui-se que a obra em questão contribuiu de maneira significativa para trilharmos algumas pistas das transformações de sua identidade política, acentuada pelo “desmoronamento do mundo socialista”. Nas últimas páginas do livro, Apolônio justifica o título *Vale a pena sonhar* dizendo que “a utopia



e o sonho de um socialismo renovado continuam, pois, tão necessários como antes: já não apenas como horizontes de libertação humana, mas também como condição de sobrevivência da natureza e da sociedade” (CARVALHO, 1997, p. 230).

Referências

ACCIAI, Enrico. Albania transnational fighters: from the Spanish Civil War to the European resistance movements (1936-1945). *War in History*, [Essex, UK], p. 1-22, 2019.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. Brasileiros na guerra civil espanhola: combatentes na luta contra o fascismo. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 12, p. 35-66, 1999.

BATTIBUGLI, Thaís. *A solidariedade antifascista: brasileiros na guerra civil espanhola (1936-1939)*. Campinas: Autores Associados; São Paulo: EdUSP, 2004.

BERABA, Marcelo. Divisão das esquerdas foi fatal, afirma Apolônio. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 jul. 1986. 2º Caderno, Exterior, p. 18.

BERNSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília et al. (org.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 29-45.

BISSO, Andrés. El antifascismo latinoamericano: usos locales y continentales de un discurso europeo. *Asian Journal of Latin American Studies*, Seúl, n. 3, p. 91-116, 2000.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. p. 183-191.

CARVALHO, Apolônio de. *Vale a pena sonhar*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

CARVALHO, Renée France de. Uma vida de lutas; organização Marly de Almeida Gomes Vianna, René Louis de Carvalho, Ramón Peña Castro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2012.

CIERI, Alejandro. Fascismo y antifascismo en la cultura comunista: la resistencia antifascista y la internacionalización del movimiento comunista. *Afers*, Barcelona, v. 53/54, p. 245-265, 2006.



FERNANDEZ, Jorge Christian. *Voluntários da liberdade: militares brasileiros nas forças armadas republicanas durante a guerra civil espanhola (1936-1939)*. 2003. Dissertação (Mestrado em História) – UNISINOS, Porto Alegre, 2003.

FERREIRA, Jorge. Apolônio de Carvalho: uma vida, muitas lutas e vários tempos. *In: FERREIRA, Jorge; CARLONI, Karla (org.). A República no Brasil: trajetórias de vida entre a democracia e a ditadura*. Niterói: EdUFF, 2019. p. 250-293.

GARCÍA FERNANDEZ, Hugo. Presente y futuro de una ilusión: la historiografía sobre el antifascismo desde Furet, 1995-2016. *Ayer*, Madrid, n. 100, p. 233-247, 2015.

GOMES, Angela de Castro. Estado Novo: ambiguidades e heranças do autoritarismo no Brasil. *In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha (org.). A construção social dos regimes autoritários: Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. v. 2, p. 35-70.

GRAHAM, Helen. *La guerra y su sombra: la guerra civil española en la Europa del siglo XX*. Tradução Sandra Kustrin. Barcelona: Crítica, 2013.

GROPPO, Bruno. Biografia e autobiografias como fontes para a história do comunismo: os trabalhos de biografia coletiva após a abertura dos arquivos do Comintern. *Revista Contemporânea*, Niterói, v. 2, n. 2, p. 226-250, 2012.

GROPPO, Bruno. Fascismos, antifascismos e comunismos. *In: DREYFUS, Michel et. al. O século dos comunismos: depois da ideologia e da propaganda uma visão serena e rigorosa*. Tradução Inês Hugon. Lisboa: Notícias, 2004. p. 579-594.

GROPPO, Bruno. Las políticas de la memoria. *Sociohistórica*, Buenos Aires, n. 11/12, p. 187-198, 2002.

HOBBSAWM, Eric. A era do antifascismo, 1929-45. *In: HOBBSAWM, Eric. Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011*. Tradução Donaldson Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 239-284.

KAREPOVS, Dainis. O “caso Besouchet” ou o lado brasileiro dos “Processos de Moscou” pelo mundo. *O olho da história*, Salvador, v. 12, n. 9, p. 1-10, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). *A revolução possível: história oral de soldados brasileiros na guerra civil espanhola*. São Paulo: Xamã, 2009.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. Os paradoxos da memória social. *In: MIRANDA,*



Danilo Santos de (org.). *Memória e cultura: a importância da memória na formação cultural humana*. São Paulo: SESC, 2007. p. 13-33.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A cultura política comunista: alguns apontamentos. In: NAPOLITANO, Marcos; CAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org.). *Comunistas: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2013. p. 15-37.

PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: memória e história do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PENNETIER, Claude; PUDAL, Bernard. Uma Internacional, partidos e homens. In: DREYFUS, Michel et. al. *O século dos comunismos: depois da ideologia e da propaganda uma visão serena e rigorosa*. Tradução Inês Hugon. Lisboa: Notícias, 2004. p. 379-382.

PEREIRA, Marco Antônio Machado Lima. *“Las armas y las letras” dos voluntários brasileiros na guerra civil espanhola: identidades, memórias e trajetórias*. Porto Alegre: Multifoco, 2017.

PEREIRA, Marco Antônio Machado Lima; DALLA-CORTE CABALLERO, Gabriela. Cruzando fronteiras: as experiências de guerra dos voluntários paraguaios e brasileiros durante o conflito civil espanhol (1936-1939) retratadas no álbum fotográfico de Víctor Martínez. In: GUTIÉRREZ, Horácio (org.). *A guerra civil espanhola e a América Latina*. São Paulo: Terceira Margem, 2018. p. 69-92.

ROLLEMBERG, Denise. Definir o conceito de resistência: dilemas, reflexões e possibilidades. In: QUADRAT, Samantha; ROLLEMBERG, Denise (org.). *História e memória das ditaduras do século XX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015. v. 1.

SEIDMAN, Michel. *Transatlantic antifascisms: from the Spanish Civil War to the end of World War II*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

SKOUTELSKY, Rémi. *Novedad en el frente: las Brigadas Internacionales en la guerra civil*. Madrid: Ediciones Temas de Hoy, 2006.

SKOUTELSKY, Rémi. Brigadistas internacionais e resistentes. In: DREYFUS, Michel et. al. *O século dos comunismos: depois da ideologia e da propaganda uma visão serena e rigorosa*. Tradução Inês Hugon. Lisboa: Notícias, 2004. p. 511-525.

TRAVERSO, Enzo. Historia y memoria: notas sobre un debate. In: FRANCO, Marina; LEVIN, Florencia (comp.). *Historia reciente: perspectivas y desafíos para*



un campo en construcción. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2007. p. 67-96.

TRAVERSO, Enzo. *A sangre y fuego: de la guerra civil europea (1914-1945)*. Tradução Miguel Ángel Petrecca. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2009.

VENCESLAU, Paulo de Tarso. Memória: o general Apolônio de Carvalho. *Teoria e*

Notas

¹Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

²Sobre as motivações que levaram sujeitos das mais diferentes partes do mundo a ir lutar ao lado dos republicanos na guerra civil espanhola e acerca da chegada, atuação e retirada dos voluntários em território espanhol ver (PEREIRA, 2017, p. 59-80).

³Entre os traços principais da cultura política comunista, destacaríamos a crença na razão, na ciência e no progresso como fundamentos para a construção de uma sociedade socialista; o internacionalismo (em oposição ao nacionalismo); o culto à URSS, à figura dos líderes e ao partido; o anti-imperialismo; a concepção de que a revolução significava não somente a construção de novas estruturas econômicas e sociais, mas também do “novo homem” (racional, materialista, socialista, livre da moral burguesa e dos valores cristãos); a construção de modelos heroicos de militantes; a produção de um vocabulário e de símbolos próprios (como a foice e martelo, estrela, punho cerrado, cor vermelha, os hinos, bandeiras), fator de identificação e coesão do grupo (MOTTA, 2013, p. 21-28).

⁴“Faltam estudos para traçar um quadro completo sobre o papel dos veteranos de Espanha nos diferentes países ocupados durante a Segunda Guerra Mundial. Muitos são os estrangeiros que passam de um combate a outro vivendo em França antes da guerra de Espanha ou internados em Gurs” (SKOUTELSKY, 2004, p. 521).

⁵Há um documento que confirma essa assertiva. Trata-se de uma carta escrita pelo secretário “Arnaldo”, do Comitê Central do PCB e, posteriormente, enviada aos companheiros do Comitê Central do PCE: “Desde noviembre de 1935 el Brasil vive bajo un régimen de terror y de ‘estado de guerra’, con nuestro partido en la más completa ilegalidad y millares de militantes antifascistas presos, entre los que se encuentran su querido líder Luís Carlos Prestes. A partir de 10 de noviembre de 1937, como consecuencia de un golpe de estado ha sido establecido el ‘estado corporativo’, vivimos bajo un régimen fascista apoyado fundamentalmente en el imperialismo nazi, que viene desarrollando los mayores esfuerzos para predominar en nuestro continente. Este es el motivo por lo que no hemos podido prestar al pueblo español y al querido partido hermano la ayuda que debíamos, por la grandeza de sus sacrificios en prol de la humanidad y en particular por la solidaridad del pueblo y del gobierno español al pueblo brasileño en el momento que fue encarcelado Luis Carlos Prestes”. Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1938. Centro de Documentação e Memória da UNESP – CEDEM/Coleção Internacional Comunista/ Instituto Astrojildo Pereira.

⁶Entendida aqui como uma “série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo), em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações constantes”. Utilizando a metáfora do “metrô” e das “estações” para explicar as relações entre as noções de trajetória e campo, Bourdieu assinala que “tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um ‘sujeito’ é quase tão absurdo



quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô em levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações” (BOURDIEU, 1996, p. 189-190).

⁷ “[...] quando se pensa em memória costuma-se pensar em aspectos de retenção, de registro, de depósito de informações, conhecimento ou experiências. No entanto, a memória é, também, um mecanismo de seleção, de descarte, de eliminação” (MENESES, 2007, p. 23).

⁸ “Nascido em 1912, Alberto era o mais jovem de quatro irmãos. Como ele, seus irmãos, Augusto, Lídia e Marino, também foram militantes do Partido Comunista do Brasil (PCB). Seus irmãos foram expulsos do partido em razão de suas críticas ao modo irresponsável como se preparou o movimento que resultaria no ‘putsch’ desencadeado pelos comunistas em novembro de 1935, nas cidades de Natal, Recife e Rio de Janeiro” (KAREPOVS, 2006, p. 4).

⁹ A Frente Popular foi uma guinada estratégica orientada pela Internacional Comunista a partir do VII Congresso, em julho de 1935, que passou a orientar os partidos comunistas locais a amenizarem sua radicalidade com o objetivo de estabelecer uma frente unificada de combate ao fascismo com outros partidos de esquerda.

¹⁰ Durante boa parte de sua existência, o Estado Novo recorreu a uma estratégia política de desmobilização da sociedade. Segundo Angela de Castro Gomes, entre os anos 1937-42, teria prevalecido esse autoritarismo desmobilizador, fundado basicamente na coerção via censura e repressão (GOMES, 2011, p. 55).

¹¹ Na realidade, a subsociedade comunista se apresenta como uma ‘grande família’ e, neste sentido, os limites entre a vida privada e a vida pública são tênues. As relações familiares são inteiramente subordinadas às exigências da militância. A dedicação ao partido exige tempo integral” (PANDOLFI, 1995, p. 38).

¹² “El trabajo ininterrumpido de la memoria modifica continuamente la identidad: ‘ninguna forma de identidad se conserva indefinidamente en el tiempo sin transformarse’. En tanto construcción cultural, presenta aspectos estables – un núcleo central que persiste en el tiempo – y aspectos mutables: ‘ella se presta a ser reconstruida continuamente, al menos en cierta medida, según el contexto y las oportunidades’. Cuando hablamos de memoria, también hablamos de identidad” (GROPPO, 2002, p. 190).

¹³ De acordo com o historiador Dainis Karepovs, embora não existam ainda informações conclusivas a respeito da data de sua morte, não há mais dúvidas de que sua autoria esteja vinculada aos comunistas (KAREPOVS, 2006, p. 8). Já para o historiador José Carlos Sebe Bom Meihy, as versões sobre o crime de Besouchet são muitas: “Não faltam suspeitas, entretanto a maior delas seria responder se os brasileiros comunistas teriam envolvimento com o grave problema” (MEIHY, 2009, p. 31).

¹⁴ Todo testemunho “manifiesta una parte de verdad filtrada por la sensibilidad, la cultura, y también, se podría agregar, por las representaciones identitarias, incluso ideológicas, del presente. En resumen, la memoria, sea individual o colectiva, es una visión del pasado siempre mediada por el presente” (TRAVERSO, 2007, p. 69).

¹⁵ O conceito de resistência “associa-se ao fenômeno histórico da França ocupada pela Alemanha, precisamente ao estrangeiro invasor e aos que com ele colaboraram”. Portanto, o exemplo francês da luta contra o ocupante e colaboradores ficou como



referência na história do tempo presente (ROLLEMBERG, 2015, p. 80).

¹⁶“Ao mesmo tempo em que estrutura os comportamentos políticos individuais, a cultura política é um fenômeno coletivo. Ela diz respeito, simultaneamente a todos os grupos que comungam de seus postulados, grades de leitura, interpretações e proposições, que utilizam os mesmos discursos, se colocam atrás dos mesmos símbolos, participam dos mesmos ritos”. Para Serge Bernstein (2009, p. 43-44), apesar das nuances que separam as pessoas que se reconhecem numa mesma cultura política e das diferentes formas de expressão dessa cultura, “é nela que se baseia a identidade de um grupo”.

¹⁷“Renée Laugery France nasceu em 1925. Ela era 13 anos mais jovem que Apolônio. Sua mãe era muito doente e veio a falecer quando Renée tinha 14 anos. A menina vivia com o pai, a avó, o irmão e a irmã. Sua família envolveu-se na política do país com a crise de 1929, cujo desemprego foi cruel para os trabalhadores franceses. Seu pai, homem de poucas palavras, ingressou no partido. Renée com 12 anos e a irmã Paulette, com 17, aderiram ao movimento comunista” (FERREIRA, 2019, p. 265-266).

¹⁸Em agosto de 1944, gaullistas antirrevolucionários decidiram nacionalizar os *maquisards* e os combatentes da Resistência, com o objetivo de integrar e moderar os revolucionários. Na avaliação de Michel Seidman, a manobra foi bem-sucedida, pois um terço à metade do contingente abandonou as armas e se junto ao exército regular. Dessa maneira, a libertação da França seria integrada a uma contrarrevolução atlântica que restauraria ou continuaria o governo democrático e seu império internacional (SEIDMAN, 2018, p. 177-178).

¹⁹Emiliano Paiva Palacios nasceu na localidade paraguaia de Caazapá, em 12 de outubro de 1910. Em sua juventude, em decorrência de seus ideais marxistas e por não querer participar da guerra do Chaco, foi expulso de sua condição de cadete do Colégio Militar do Paraguai. Transferiu-se para a Espanha onde foi nomeado comissário político da 121ª Brigada Internacional. Atuou como secretário do Partido Comunista Paraguai, incorporando-se à Brigada de Cavalaria do Exército do Centro. No campo de Gurs se encarregou de liderar os voluntários latino-americanos, unindo-se à resistência francesa. Faleceu em 2 de julho de 1944, quando foi transferido para o campo de concentração de Dachau, na Alemanha (PEREIRA; DALLA-CORTE CABALLERO, 2018, p. 72-73).

²⁰Após a libertação de Paris, De Gaulle viajou pelo Sul onde restabeleceu a “legalidade republicana” em cidades controladas pelos comunistas como Bordeaux, Limoges, Montpellier e Toulouse. Nessa tarefa, ele foi auxiliado pela presença do Exército Francês Livre, que contribuiu significativamente para desarmar as unidades dominadas pelos comunistas (SEIDMAN, 2018, p. 178-179).